

Um olhar sobre o olho da serpente



Olga Rodrigues de Moraes von Simson¹

O autor não é um historiador de ofício e carreira, mas um apaixonado por sua cidade e pelo passado da mesma. Aposentado, se propõe como missão conhecer e divulgar o passado campineiro, tendo como enfoque as epidemias de febre amarela que assolaram a cidade no final do século XIX (1889/1890).

Tomou como fontes para pesquisa as Atas da Câmara Municipal de Campinas e trechos da imprensa diária campineira, pesquisados nos arquivos do Centro de Ciências Letras e Artes (CCLA) e na Hemeroteca do Centro de Memória - Unicamp, focalizando principalmente as crônicas e as notícias veiculadas nos anos de 1889 e 1890.

Descobre Jorge que a primeira vítima da doença foi uma estrangeira recém-chegada à cidade, uma professora que foi contaminada pela febre tropical ao descer do navio, em Santos, vinda de Paris para lecionar em Campinas.

Registra o autor o esvaziamento da cidade que gradativamente via seus habitantes, dos mais ricos aos mais pobres, procurando deixá-la para se

alojarem em fazendas ou em cidades menores não infectadas, buscando abrigo na casa de parentes ou amigos. Sobravam aqueles cujos meios financeiros não permitiam grandes deslocamentos e que ficavam mais suscetíveis aos ataques da doença, pois os víveres se tornavam cada vez mais escassos com o crescente fechamento das casas comerciais. Esse movimento de abandono da cidade era incentivado pelo oferecimento gratuito de passagens pelas companhias ferroviárias que serviam ao município.

O autor pinta um cenário desesperador, com a maioria das casas fechadas e com cadáveres abandonados pelas ruas e becos da cidade, pois famílias inteiras eram dizimadas pela febre e não havia parentes que as enterrassem. A vala comum foi a única solução possível encontrada pelas autoridades.

Lima salienta o papel do então presidente da Câmara Municipal, José Paulino, que vai solicitar auxílio dos governos estadual e federal e a dedicação dos médicos que, ao exercer corajosamente sua missão de curar, muitas vezes foram dizima-

¹ Professora colaboradora plena do Departamento de Ciências Sociais na Educação, da Faculdade de Educação (Decise/FE/Unicamp), e pesquisadora do Centro de Memória – Unicamp (CMU).

dos pela terrível doença. Compreendemos então porque muitos deles são lembrados diuturnamente nos nomes de ruas importantes do centro da nossa cidade, como o da enfermeira Irmã Serafina, que morreu aos 44 anos no exercício de sua missão, assim como os dos médicos Costa Aguiar, Ângelo Simões, Germano Melchert, Eduardo Guimarães e muitos outros que faleceram em combate à febre.

Estas duas obras demonstram como um olhar treinado, voltado para um objetivo definido, é capaz de localizar e ressaltar aspectos inéditos do passado e, ao concatená-los ao contexto mais amplo, atribui sentido aos mesmos e nos permite entender as tramas do tempo e a complexidade das relações sociais.

O cuidadoso trabalho de reconstrução sócio-histórica nos mostra também a importância da existência em nossa cidade de bons arquivos, cuidadosamente organizados e bem mantidos, que permitem aos estudiosos revelarem aspectos do passado que servem de rica lição para as necessidades da cidade do presente, que vê sua população novamente ameaçada por nuvens de mosquitos disseminadores de doenças perigosas como a dengue.

É também este livro uma valiosa ferramenta para futuros pesquisadores porque nos apresenta muitos e variados aspectos do passado campineiro, organizados temática e cronologicamente, facilitando assim bons mergulhos no pretérito, os quais podem sugerir novos temas e abordagens do passado de nossa cidade que, como uma Fênix, foi capaz de ressurgir das desgraças causadas pelas epidemias.

No segundo volume, *O Retorno da Serpente*. Campinas/1890, o autor relata como o governo estadual e os órgãos federais, sob orientação dos engenheiros Emílio Ribas e Saturnino de Brito e graças às verbas concedidas pelos presidentes Deodoro da Fonseca e Prudente de Morais, transformaram nossa cidade eliminando pântanos, com suas águas paradas e perigosos miasmas pela canalização dos córregos, o que permitiu a construção de grandes avenidas como a Orosimbo Maia no fundo de um vale ameaçador, permitindo assim a abertura de um novo ciclo de desenvolvimento da cidade, que se espalhou rumo ao norte, formando bairros residenciais, ao longo das novas avenidas.

Mostra também como a população do Rio de Janeiro, por meio da atuação de sua imprensa, deu grande apoio ao povo de Campinas, organizando coletas e subvenções cuja importância é hoje lembrada através de uma das nossas principais praças, sede de importantes atividades culturais e que recebeu o nome de Praça Imprensa Fluminense, estando situada no Cambuí, um dos novos bairros abertos pelo saneamento da cidade.

Escrito numa linguagem clara e agradável, estes livros permitem ao leitor leigo adentrar com facilidade o passado campineiro, por isso ele é recomendado como leitura para nossos jovens estudantes, que muito poderão aprender sobre o cotidiano campineiro nos séculos passados e sobre como, a partir de perigos, fracassos e derrotas, um belo porvir pôde ser elaborado na nossa querida Fênix Renascida.

Referências das obras resenhadas:

LIMA, Jorge Alves de. *O Ovo da Serpente, Campinas/1889*. Campinas, SP: Arte e Escrita, 2013, 360p., il., v.1. (Coleção Campinas Mártir, Porém Heroica).

_____. *O Retorno da Serpente, Campinas/1890*. Campinas, SP; Arte e Escrita, 2014, 472p., il., v.2. (Coleção Campinas Mártir, Porém Heroica).